N.º 11—21 de Abril de 1915

A IDEIA NACIONAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

N.º 11 21 de Abril de 1915 ANNO I.º

A IDEIA NACIONAL

REVISTA POLITICA BI-SEMANAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

SUMMARIO

EDITOR-ADMINISTRADOR: Antonio Rocha. Propriedade de Homem Christo Filho. Redacção, administração e officinas de comp. e imp. Rua de Arnellas — AVEIRO. Escriptorio em Lisboa — R. da Emenda, 30.

Escrevem n'A IDEIA NACIONAL:

Ramalho Ortigão
Conselheiro Ayres de Ornellas
Homem Christo (CARTAS DE LONGE)
Conselheiro Luiz de Magalhães
Lord Henry (PHILOSOPHIA POLITICA)
Conselheiro José de Azevedo Castello Branco
João do Amaral (O MEU DIARIO)
Conde de Sabugosa
Lourenço Cayolla (QUESTÕES COLONIAES)
Antonio Emilio d'Almeida Azevedo
Rocha Martins
Conselheiro Anselmo Vieira (QUESTÕES FINANCEIRAS)
Alberto Pinheiro Torres (QUESTÕES RELIGIOSAS)
G. Jean Aubry (QUESTÕES ESTRANGEIRAS)
Victor Falcão (NOTAS POLITICAS)

Etc., etc.

Toda a correspondencia relativa a esta Revista deve ser dirigida ao DIRECTOR.
Cada exemp. d'A IDEIA NACIONAL custa 50 reis.

Revista Politica

POR

HOMEM CHRISTO FILHO

Antonio José d'Almeida

O demagogo disfarçado

O discurso pronunciado pelo snr. Antonio José d'Almeida no Congresso Evolucionista, a sua affirmação cathegorica de que não hesitará em se unir com o bandido Affonso Costa e os seus quadrilheiros contra os monarchicos sempre que fôr preciso, a sua expontanea declaração de que prefere vêr restabelecido o regimen das perseguições, das affrontosas humilhações a monarchicos e catholicos, dos cobardes assassinatos, emfim, o imperio da *formiga*, a vêr restaurado o regimen de ordem e trabalho que é a Monarchia, deve ter tirado aos poucos que ainda as tinham, as suas ingenuas illusões sobre a possibilidade de resolver dentro da Republica a crise nacional.

Ha quatro annos que se vem adormecendo a indignação d'este povo com a promessa d'uma phantastica republica conservadora de que seria chefe o snr. Antonio José d'Almeida, esse desvairado tribuno que durante a vigencia da Monarchia semeou as mais nefastas doutrinas e as theorias mais contrarias aos principios conservadores e que depois da proclamação da Republica foi o auctor ou o cumplice directo de toda a obra de dissolução

nacional, de toda a obra de destruição do Passado, attentatoria dos direitos da Familia e da Religião, que estabeleceu a incompatibilidade e cavou o abysmo profundo que separam hoje a nação e o regimen.

Affonso Costa é politica e pessoalmente um bandido. Mas tem pelo menos a vantagem de se ter sempre definido claramente, de ter assumido a responsabilidade tremenda de todos os crimes individuaes e collectivos da Republica, de incitar e applaudir publicamente latrocinios e assassinatos, de sustentar e defender o mais negro jacobinismo. O paiz sabe quem elle é e o que d'elle pode esperar.

Ao passo que o snr. Antonio José d'Almeida, protegido pela sua honestidade pessoal e ajudado pelo facto de ainda não ter estado no poder, possuindo fundamentalmente a mesma mentalidade politica que o snr. Affonso Costa, tão sectario e tão furiosamente apaixonado como elle, dominado pelo mesmo odio á Religião, á Familia e á Propriedade mas com menos coragem moral para se defrontar com a indignação do paiz, tem conseguido manter n'algumas almas candidas, partidarias das soluções intermedias e pouco observadoras, a esperança na possibilidade d'uma transformação do regimen que permittisse o restabelecimento da normalidade na vida portugueza.

Para alimentar esta esperança o snr. Antonio José d'Almeida tem-se visto na necessidade de representar um tristissimo papel que já não briga sómente com a sua honestidade politica mas que faz pôr em duvida, mesmo aos mais bem intencionados, a sua decantada honestidade pessoal. Pois não é uma indignidade, sendo o chefe evolucionista tão radical como o snr. Affonso Costa, mascarar-se de conservador para enganar o paiz? Pois não é uma vergonhosa comedia, uma verdadeira *chantage*, sacrificar um politico a integridade dos seus principios e a sua sinceridade, abusando da boa-fé de todo um povo, para servir inconfessaveis interesses partidarios?

E'. E o homem que assim procede não passa d'um mystificador insensato e incompetente, digno da indifferença e do desprezo

publico. As suas palavras obedecem a um calculo grosseiro de politicão d'aldeia e as suas affirmações conservadoras são uma vergonhosa burla, uma armadilha destinada a apanhar nas suas malhas os pobres de espirito cuja credulidade toca as raias da parvalheira.

As recentes affirmações do snr. Antonio José d'Almeida no Congresso Evolucionista, aquelle discurso por elle proferido na occasião d'uma das incursões de Paiva Couceiro, em que aconselhava a matança e esfolamento dos monarchicos, são outras tantas provas da sua miseravel hypocrisia. O *chefe conservador* de vez em quando esquece-se da comedia que está representando, e, arrastado pela sua incorrigivel verborrheia, revela-se tal qual é: —um jacobino feroz, um demagogo por natureza e por educação, um rebento avariado da avariada progenitura de Marat e de Danton.

No dia em que elle fôr ao poder os monarchicos soffrerão as mesmas perseguições, os mesmos vexames, as mesmas violencias que celebrisaram o partido democratico. Não o ouviram proclamar aos quatro ventos que prefere a Patria **nas mãos dos democraticos, para sempre, do que dominada por D. Manuel?** Não o ouviram declarar que **se unirá com Affonso Costa, quando fôr preciso, para defender a Republica?** Não sabem já que para elle a Republica, **mesmo nas mãos da demagogia, é preferivel á Monarchia?**

Pois ahi o teem, o authentico Antonio José d'Almeida, na sua primitiva e verdadeira forma, jacobino feroz, demagogo incorrigivel julgando que ainda consegue, depois d'isto, intrujar este paiz!

* * *

E todavia um governo Antonio José d'Almeida é a continuação logica e fatal, se antes d'isso a Republica não fôr pelos ares, do governo Pimenta de Castro.

E' por calculo, exclusivamente por calculo e não porque no fundo estejam de accordo com elle, que os evolucionistas apoiam o governo actual. A maior parte das auctoridades por este nomeadas pertencem áquelle partido, o que lhe garante a victoria no acto eleitoral e a maioria parlamentar que ha-de constituir a indicação constitucional para a subida ao poder do snr. Antonio José d'Almeida.

Foi então para isto que o exercito fez o movimento de janeiro? Para entregar os destinos da Patria nas mãos de um homem que não hesita em declarar que se unirá com o bandido Affonso Costa e os seus quadrilheiros *quando fôr preciso*, um homem que se diz solidario com a *demagogia* e affirma alto e bom som preferir o paiz submettido a esta *para sempre*, a vêr restaurada a monarchia que deu a Portugal, na paz o maior progresso e na guerra a maior gloria?

E' com o *demagogo* já agora desmascarado que contam os catholicos para dar á Egreja as suas antigas liberdades e regalias? E' com o *demagogo* que contam os conservadores para restabelecer a ordem publica, restaurar as finanças, fomentar o progresso do paiz, readquirir o prestigio perdido perante as nações extrangeiras e resolver os intrincados problemas internacionaes que a guerra actual e a inepcia criminosa dos successivos governos da Republica vieram consideravelmente aggravar?

Desenganemo-nos d'uma vez para sempre, meus senhores: — ou Monarchia ou Anarchia. Ou a Restauração, ou a perda definitiva do nosso tão cubiçado dominio colonial, ou a perda da nossa autonomia, ou a ruina e a morte do paiz ás mãos da demagogia que é a unica força e a unica razão de ser do regimen abjecto em que vivemos.

Não pode haver contemporisações. Nenhuma esperança de salvação pode restar a dentro da Republica. O nosso caminho está traçado, o nosso caminho é só um: guerra sem treguas aos inimigos da Ordem, aos inimigos da Auctoridade, aos inimigos da Religião, aos inimigos da Propriedade, aos inimigos da Tra-

dição, aos inimigos d'esta Patria gloriosa, que são **todos** os republicanos, sem distincção de côr nem de partido, ou elles se chamem Antonio José d'Almeida, Brito Camacho ou Affonso Costa, ou elles se digam conservadores ou radicaes, evolucionistas, unionistas ou democraticos.

* * *

As eleições estão á porta. O snr. general Pimenta de Castro prometteu-nos uma lei eleitoral que permittisse a livre manifestação da vontade do paiz por meio do suffragio e o snr. Guilherme Moreira deu-nos um decreto côxo, mantendo o suffragio restricto, que não satisfaz nenhuma das reclamações dos monarchicos, a grande maioria da nação. Prometteu-nos a liberdade de reunião, consignada na constituição da Republica e indispensavel para a propaganda eleitoral e todavia logo na primeira reunião, que nem sequer tinha ainda esse caracter, a dos monarchicos de Braga, o administrador do concelho, um badameco qualquer auctoritario e insolente, appareceu *a prohibir aos oradores a critica do regimen e dos seus actos.* Então é assim, cortando-nos os mais elementares meios de propaganda, que havemos de entrar no campo da legalidade? Ou julgam os *conservadores republicanos* que devemos abdicar dos nossos principios e renunciar á Restauração da Monarchia pelo simples facto de não sermos perseguidos como feras e martyrisados nas prisões e no exilio?

Ninguem deseja mais do que nós entrar na lucta legal, oppondo á infamia e inepcia do regimen, a clara affirmação da doutrina monarchica, o talento e a cultura dos nossos chefes, a força esmagadora dos nossos argumentos. Mas para isso é necessario que as leis sejam respeitadas e as nossas liberdades escrupulosamente garantidas. E' indispensavel que o governo mantenha a ordem publica, reprima e puna os discolos criminosos, prenda os dynamitistas, metta na Penitenciaria os miseraveis propagandistas e auctores de assassinatos politicos que todos os

dias se repetem, os incendiarios e destruidores de Egrejas, toda a canalha que a Republica trouxe á supuração e que impunemente tem assolado este pobre paiz.

Não se pede um favor. Exige-se o cumprimento de um dever que muito honrará o governo do snr. general Pimenta de Castro a cujas intenções fazemos inteira justiça, cujo caracter respeitamos e cujo talento admiramos. Mas é preciso esclarecer definitivamente esta situação: ou o illustre chefe do governo pode ou não pode pôr termo á desordem nacional, embora só provisoriamente, e dar-nos as liberdades e garantias que nos são devidas. Se é preciso fardar-se, farde-se. E se nem fardado tem força para isso, — declare-o então francamente para sabermos com que devemos contar.

* * *

Emquanto a situação não estiver claramente definida, emquanto o governo não puzer termo á rebellião das camaras municipaes e das juntas de parochia, emquanto não acabarem os dynamitistas e não forem castigados os abusos de auctoridade como o do administrador do concelho de Braga, não podem os monarchicos decidir se concorrem ou não ás eleições.

Ha porém desde já dois pontos indiscutiveis: primeiro — a necessidade da organisação politica immediata dos monarchicos; segundo — a imcompatibilidade absoluta entre estes e o partido do snr. Antonio José d'Almeida.

Os trabalhos da organisação estão iniciados e esperamos que prosigam com a maior actividade. Em todo o paiz se estão fundando centros, constituindo comissões que serão a base d'essa organisação. Não podemos perder tempo e não o perderemos. É preciso organisar conferencias, sessões de propaganda, ventilar os problemas fundamentaes da vida nacional, discutir os assumptos de actualidade politica, congregar esforços, reunir elementos dispersos, dar vigor e unidade á nossa campanha contra a demagogia impenitente.

E' este de resto o unico meio de pôr á prova, mais uma vez, os governos republicanos. Veremos o que elles fazem; e segundo o que elles fizerem nos manteremos no campo da legalidade ou iremos para a revolução, unico processo até hoje conhecido de vencer a tyrannia das oligarchias e dos bandos. Se não temos força, como elles dizem, os republicanos nada teem que temer da nossa intervenção na lucta legal; se o paiz é monarchico fica provado que a Republica é uma usurpação, uma violencia imposta ao povo portuguez e a monarchia será restaurada... pela força das ciscunstancias.

Nas proximas eleições, os monarchicos e os bons patriotas ou votam nos candidatos do seu partido, se este resolver tomar parte no acto eleitoral, ou se absteem inteiramente, correndo a pontapés os amigos do snr. Antonio José d'Almeida que ousarem, depois das recentes declarações do seu chefe demagogo, vir pedir-lhes o favor do seu voto.

Não ha rodeios, não ha sophismas que valham: o snr. Antonio José d'Almeida prefere a Republica *"nas mãos dos democraticos, para sempre, do que a Patria dominada por D. Manuel"*. "Em caso de perigo para a Republica, di-lo bem alto, **unir-se-ha com Affonso Costa ou com quem quer que appareça, para a salvar e fal-o-ha com os democraticos porque, apesar de tudo, elles são republicanos**». «**Não tem a menor duvida de, d'uma maneira formal, decisiva e absoluta, dizer que por mero sentimento patriotico preferiria no poder os democraticos para sempre, á monarchia de D. Manuel**».

Pois muito bem. Estão para sempre definidos os campos. Ao lado do seu collega Affonso Costa é que o chefe evolucionista está bem. Amarrado á demagogia, inimigo intransigente dos monarchicos, adversario declarado dos conservadores portuguezes, instrumento do chefe do partido dos escandalos e dos sicarios da *formiga branca!*

Está desfeita a lenda mentirosa da republica conservadora. O snr. Antonio José d'Almeida estendeu-se ao comprido e prestou assim, com a sua inepcia, um alto serviço á Monarchia, serviço que attenuará a gravidade dos seus peccados, no dia do juizo final.

Agora, senhores conservadores, já não ha, repetimos, rodeios nem sophismas que valham:

—Quem por qualquer forma apoiar o partido evolucionista que não protestou, antes applaudiu calorosamente as declarações do seu chefe, quem votar no snr. Antonio José d'Almeida ou nos seus amigos, não é monarchico, não é conservador,—é traidor á Monarchia, traidor á Causa conservadora, traidor á Causa sagrada da Patria!

O Conflicto Europeu

POR

AYRES DE ORNELLAS

Os Russos

De Tannenberg a Przemysl

Na conversa historica de 4 d'agosto com o Embaixador britannico em Berlim, o secretario d'Estado von Jagow justificando, sob o seu ponto de vista, a invasão da Belgica dizia «que o governo Imperial fôra obrigado a dar esse passo visto terem que entrar em França pelo caminho mais curto e mais rapido, para conseguir um avanço nas suas operações, procurando dar um golpe decisivo o mais cedo possivel. Era para elles, allemães, *uma questão de vida ou de morte*, porque se tomassem o caminho do sul, a penuria de estradas e a força das fortalezas não lhes consentiria romper sem que uma defeza formidavel lhes impuzesse enorme perda de tempo. Este tempo perdido seria ganho pelos Russos em trazer as suas tropas até á fronteira allemã. A rapidez d'acção era o grande trunfo allemão emquanto que o da Russia consistia nos seus inexhauriveis recursos em homens.»

O Secretario d'Estado dos Negocios Extrangeiros não fazia evidentemente senão resumir perante Sir E. Goschen o plano de campanha do Grande Estado Maior. Baseando-se na maxima napoleonica — o tempo é o grande elemento entre o espaço e a potencia — o commando allemão pretendia anniquilar a força militar franceza antes que a potencia russa tivesse o tempo necessario para vencer o espaço immenso que as suas forças tinham a percorrer antes de poderem entrar em acção.

Como este plano necessitava absolutamente, para ser bem succedido, d'uma victoria *decisiva* sobre a França, os factos da guerra vieram demonstrar quanto preferivel teria sido para os allemães ganhar na sua

fronteira oriental o tempo necessario para conseguir essa victoria, trocando assim os dados ao problema. Mas o certo é que a immensidade russa de tal forma actuou sobre os espiritos, as massas d'homens susceptiveis de serem mobilisados d'entre uma população de 173 milhões, attingiam cifras tão portentosas, que se suppoz facilmente ir assistir a uma rapida marcha sobre Berlim desde que os primeiros cossacos das avançadas de Rennemkampf transpunham a 2 d'agosto a fronteira da Prussia Oriental. Não se tratava porem do inicio de uma marcha sobre Berlim, nem mesmo d'operações militares ligadas estrategicamente a um plano geral de campanha. Era sim indispensavel occupar o maior numero possivel de tropas allemãs e levando a guerra á velha Prussia produzir um determinado effeito moral.

Rennemkampf partia de Vilna emquanto Samsonoff sahindo de Varsovia subia o Narew tendo Allenstein como objectivo. Na segunda quinzena d'agosto o primeiro batia os allemães em Gumbinnen e Insterburg; entretanto Samsonoff occupava Ortelsburg. Se as duas columnas russas conseguem operar a sua juncção, poderão isolar Koenigsberg, e seguir, n'uma massa importante sobre o Vistula. Mas vae entrar em scena Hindenburg.

Paulo von Hindenburg era um general reformado desde 1911, com mais de 67 annos de edade, e portanto sem commando algum ao começar-se a guerra. Oriundo de uma familia typica militar prussiana, passára a sua carreira na Prussia Oriental como chefe do Estado Maior e commandante de corpo e conhecia a topographia da Provincia especialmente da região dos lagos Mazuricos como ninguem. A importancia d'esses obstaculos para a defeza do territorio impressionára-o tanto que se oppozera em escriptos e conferencias com a maior tenacidade a que fosse por deante um grande projecto agricola de drenagem dos lagos e pantanos da região e seu aproveitamento para a cultura. Fôra na realidade bem inspirado. A 22 d'agosto, reconhecendo a gravidade da situação militar um telegramma do Kaiser chamava o veterano ao serviço; no dia seguinte, von Hindenburg estabelecia o seu quartel general em Marienburg, quasi na foz do Vistula, tendo um aspero problema a resolver. Com um effectivo de quatro corpos de exercito, dos quaes metade só de primeira linha, tinha que se defrontar com dois exercitos russos vencedores, cada um dos quaes lhe era superior em forças. Mas o commando russo estava avançando sem muita precaução e julgando, dos successos dos primeiros dias, mais fraca a resistencia do adversario não contava com a mudança do chefe; este punha logo a 26 as suas forças

em acção contra Samsonoff para impedir a juncção dos seus dois adversarios; a 27 e 28 ganha a victoria decisiva de Tannenberg e d'ahi até ao fim do mez captura mais de cem mil prisioneiros, destroça totalmente o exercito de Samsonoff que é morto na retirada assim como o seu chefe do Estado Maior Pestich; depois volta-se contra Rennemkampf e sem conseguir cortal-o como ao outro, em combates de retaguarda toma-lhe mais de trinta mil homens, cento e cincoenta boccas de fogo e a 15 de setembro em Insterburg proclama a liberação do territorio allemão, e a invasão do territorio inimigo: em tres semanas, n'uma campanha pelas linhas interiores que ha de ficar modelar, o official reformado até então desconhecido adquire renome universal, revela-se extraordinario homem de guerra e o Kaiser premiando os seus serviços com o bastão de Marechal e dando-lhe o commando superior em toda a frente oriental não fazia senão ratificar o veredictum da opinião nacional que as suas victorias tinham exaltado.

Os russos porem a breve trecho revelavam-se adversarios dignos do Marechal: a sua qualidade peculiar, a excepcional firmeza perante os revezes, a aptidão unica em retomar a offensiva depois d'uma custosa retirada sem abalo algum para os nervos da tropa, a imperturbavel serenidade e confiança que o seu commando em chefe tem n'esta guerra revelado, iam successivamente annular todos os subsequentes esforços de von Hindenburg para obter com a mais tenaz das offensivas resultado algum decisivo. E' certo tambem que as victorias alcançadas sobre os austriacos iam largamente compensar estes primeiros revezes.

Mobilisada antes da Russia, a Austria iniciára a campanha dirigindo um ataque contra a frente Varsovia — Brest-Litowsky, por meio de tres exercitos, Dankl, á esquerda, Auffenberg na direita, o archiduque José Fernando em segunda linha; a fronteira é atravessada a 25 d'agosto e Auffenberg encontra logo em Tomaszevow uma tal resistencia que é obrigado a chamar a si o archiduque.

Abre assim um hiato importante entre o exercito de Dankl que avança por seu lado até 20 kilometros de Lublin. Mas a offensiva russa inicia-se fulminante; a 26, Russky empenha-se n'um ataque a fundo que n'uma semana de combates o leva a Lemberg, entrada a 3 de Setembro. E sobreexcitadas com esta victoria as tropas de Brussilof que tinham retirado até Lublin, passam á offensiva e rompem em Rawa Ruska o centro austriaco. Bem depressa Russky faz sentir a sua acção na rectaguarda e n'uma serie de batalhas que terminam a 12 de Setembro os dois generaes russos repellem definitivamente o adversario para traz do San; a

28, Przemysl é investido e no fim do mez a ala direita russa occupa as margens do Wisloka, a ala esquerda alcança os collos dos Carpathos por onde a cavallaria cossaca desce á planicie hungara. Com um mez de campanha o exercito austriaco está por tal forma desorganisado que só conseguirá depois aguentar-se com reforços cada vez mais importantes tirados ás tropas allemãs: muito longe de auxiliar o Imperio allemão, a Austria vae-lhe consumir taes effectivos que tornam impossivel obter resultado decisivo em quaesquer dos theatros d'operações. Tambem aqui nos não parece que o Commando Superior Allemão soubesse avaliar com justeza o valor das forças em presença.

Hindenburg, já então commandante em chefe das forças allemãs e austriacas não hesitava em reconhecer que Cracovia era o objectivo essencial da estrategia russa. Senhor d'esse tão importante entroncamento ferro-viario, o Gran Duque Nicolau ficava apto a manobrar pelo valle do Oder, e a começar a invasão da Prussia por um dos seus orgãos mais sensiveis, por uma das suas mais ricas e industriaes provincias, a Silesia. Por isso vae transportar a lucta para a Polonia, ameaçando Varsovia e a zona de concentração do adversario, e nada exemplifica mais fortemente o que é o espirito d'offensiva allemã, do que ver, apezar dos dois grandes revezes iniciaes, a batalha do Marne e a derrota austriaca, começar simultaneamente os dois formidaveis ataques contra Calais e contra Varsovia.

O Gran Duque Nicolau, ao perceber a ameaça do adversario resolve renunciar ás vantagens obtidas para poder constituir uma defeza inabalavel, d'onde aguentada a offensiva inimiga possa retomar o contra ataque: com uma absoluta serenidade, e sabendo fazer esse pesado sacrificio, abandona as margens do Wisloka, larga as cristas dos Carpathos e como Bonaparte levantando o cerco de Mantua para ir ganhar a batalha de Castiglione, levanta tambem o cerco de Przemysl.

Ao inverso porem de Bonaparte que avançou para atacar, o Gran Duque retirou para se defender: a disposição estrategica do theatro d'operações a isso o obrigava. O Saliente russo da Polonia, podendo ser atacado pelos seus flancos tanto a oeste como pelo sul, a fraca densidade da sua rede de vias de communicação em relação ao territorio allemão, forçava-o a ir buscar o apoio das zonas fortificadas que constituiam a fronteira militar russa, Novo Georgiechs, Varsovia e Ivangorod. D'ahi parte a sua contra offensiva a 16 d'outubro; a 24 o movimento de recuo allemão generalisa-se; a 26 os russos estão em Lodz, 28 em Radow, a 31 em Petrokow e as avançadas cossacas pisam de novo o territorio da Prussia Oriental destruindo a estação de Ploerchen.

Sobre o San, os austriacos prolongam ainda a sua resistencia, mas a 6 de novembro o Gran Duque annuncia a victoria decisiva na Gallicia e accrescentava: «o abandono da linha do San pela parte principal do exercito austriaco não é senão a conclusão da grande batalha empenhada desde meiados d'outubro e que tinha como objectivo essencial repellir a offensiva austro-allemã contra Varsovia e Ivangorod... Desenvolvendo o nosso successo durante dezoito dias em toda a frente de 500 kilometros, desde os arredores de Varsovia a Kozienin e Czernowitz, rompemos em toda a parte a resistencia do inimigo que se acha em plena retirada.»

Mas Hindenburg é deveras um homem de guerra extraordinario; não conhece o desanimo. E como quer que o avanço da massa principal russa sobre Kalish, Czenstochow e Cracovia, fosse afastando do Vistula o seu flanco direito, aproveita magistralmente a completa rede ferroviaria da Silesia, transporta para Thown um exercito inteiro e invade de novo a Polonia, marchando, como Napoleão em 1806, sobre Varsovia pelas duas margens do Vistula. Repelle em Kutno a cobertura russa, e obriga o Gran Duque a retirar do grosso corpos successivos, successivamente tambem empenhados n'uma lucta formidavel na região entre Lodz e o Bzura. Ao abrigo d'esta offensiva, os outros exercitos allemães penetram na Polonia, avançando em escalões pelo sul por forma a pronunciar um movimento contra a esquerda russa. É o dispositivo classico dos allemães, o ataque contra os dois flancos. Empenham-se a seguir uma longa serie de combates sangrentos, sem decisão para nenhum dos adversarios, muito difficeis de estudar e comprehender pelo conciso dos communicados e das cartas.

Deu-se-lhes o nome generico de Batalha dos Quatro Rios (o Bzura, o Rawa, o Pilitza e o Nêda); custam aos allemães verdadeiras hecatombes e em janeiro, o exgotamento geral dos combatentes enterrou-os já em trincheiras prolongadas frente a frente por centenas de kilometros.

D'então para cá os russos parece terem no seu centro detido o exercito de Hindenburg, manobrando pelos dois flancos. Na Prussia Oriental a tomada de Memel não se poude conservar; mas na Gallicia alcançaram um resultado capital com a capitulação de Przemysl (22 de março) uma das mais importantes da historia; o seu commandante, Kumanek aguentou seis mezes de cerco mas teve que render-se, como todo o commandante de praça sitiada que não é soccorrida: 125.000 soldados, 2 mil officiaes, 900 boccas de fogo, um material immenso foram os tropheus do vencedor, o general Silivanoff.

Mas a posse de Przemysl não libertava só o exercito de investimento que não deveria, attenta a cifra da guarnição, ser inferior a 200 mil homens; deixava aos russos a posse livre das vias ferreas sobre Cracovia e livrava-os de qualquer receio pela sua rectaguarda ao empenharem a marcha sobre a Hungria atravez dos Carpathos.

De facto, os exercitos do Gran Duque Nicolau occupam já as desemboccaduras da planicie hungara desde a parte da cadeia chamada dos Beskides Orientaes até ao collo de Jawaraczi onde passa a via ferrea de Lemberg a Buda-Pest; no collo d'Ujok, no de Lapkow, n'uma frente superior a 200 kilometros, uma serie de combates violentos se tem seguido na ultima semana de março e no mez corrente, e bem depressa a cavallaria cossaca poderá galopar até ás avançadas da capital da velha monarchia de Santo Estevam.

Os russos teem assim desde o principio da campanha atrahido sobre si um terço do esforço allemão, destroçado as tres quartas partes das forças austriacas e aguentado no Caucaso o poderio turco, tendo-lhe já derrotado um exercito. Redimiram assim brilhantemente o que soffreram na guerra contra o Japão. A sua organisação tem-se revelado á altura das necessidades da guerra, e o seu commando tem resolvido com resultado efficaz os difficeis problemas que lhe tem sido postos. Para o successo final das armas alliadas, não ha duvida que a Russia tem cooperado tão brilhante como efficazmente.

Philosophia Politica

POR

LORD HENRY

Imperialismo

Por todas as nações da Europa, de ha uns annos a esta parte, sopra, forte e tentador, um vento de expansibilidade imperialista, que só os cegos de espirito podem negar ou mal julgar. Esta corrente imperialista soprada e estimulada, primeiro, das bandas da Gran-Bretanha, da Germania, e, depois, das proprias nações latinas é um symptoma singular da vitalidade europeia que a Sciencia Social commenta e cathegorisa devidamente. O imperialismo contemporaneo não é egual ao imperialismo antigo. Este era essencialmente politico: aquelle é essencialmente economico. Quero eu dizer na minha que a finalidade do imperialismo antigo era de natureza politica, emquanto que a finalidade do imperialismo contemporaneo é de natureza economica. Nem porisso deixa este de ser menos absorvente e de lançar mão, quando é necessario, dos recursos que empregava o imperialismo antigo. As guerras d'hoje são condicionadas pela necessidade da abertura de mercados onde a pujança demographica encontre vasante, e onde a progressiva producção de productos encontre campo aberto para a sua collocação. Os povos de hoje só secundariamente pensam no dominio, na absorpção politica. E é por esse motivo que a sua penetração se effectua, primeiro, por meio de entendimentos ou de allianças economicas. A base do imperio allemão é o Zollveein. E os imperialistas ibericos a quem sonhos inopportunos e loucos não pervertem a justa visão das coisas, pregam e defendem as mais estreitas ligações de caracter economico. Como n'estas manifestações de expansibilidade se encontram interesses oppostos, e o mercado mundial

não é tão vasto e tão homogeneamente utilisavel que caibam todos esses interesses, acontece que ha que lançar mão das armas para que os mais fracos cedam o seu logar aos mais fortes. A origem das guerras, hoje, não é outra. N'outros tempos, a simples ambição da gloria lançava os povos uns contra os outros. Hoje, o que os impelle para o campo da batalha, é a necessidade de viver, de garantir a existencia presente e assegurar a existencia futura. Para dominar economicamente, dois elementos essenciaes se requerem: o elemento ethnico e o elemento de força material. O primeiro sem o segundo é fragil. O segundo, sem o primeiro, é impossivel. Não é forte quem quer sê-lo. Só é forte, quem tem condições para poder sê-lo. A penetração economica faz-se pela paz, quando os povos sobre quem ella vae exercer-se, o permittem. Quando elles lhe põem qualquer embaraço, ou lhe levantam qualquer difficuldade, são as armas que removem aquelle ou destroem esta. Mais do que nunca, no momento presente, — se queres a paz, prepara a guerra. Um povo fraco só vive, quando se dá uma de duas condições: ou quando os povos fortes estão entretidos a prepararem-se para um conflicto futuro, ou quando a existencia d'esse povo fraco, como tal, convem ao equilibrio dos povos fortes. Quando se não dá uma d'estas duas condições, os povos fracos não são mais do que victimas da sua fraqueza, e o seu papel é o papel que pertence aos seres fracos: servirem os povos fortes. A febre imperialista domina os povos europeus que encontram, mercê de uma auto-analyse demorada, recursos de victoria, e elementos de combate. Só não são imperialistas os povos que se reconhecem inuteis ou se vêm abraçados por factores de dessoramento moral e de cobardia physica. Percorra-se a Europa, encare-se psychologicamente cada uma das nações que a constituem, e veja-se onde a febre imperialista se manifesta ou onde ella encontra repulsas que correspondam a sentimentos reaes. A conclusão é uma só: nações vivas e corajosas, com qualidades activas e nobreza de animo, dispostas a defender caro o palmo de terra que lhe queiram roubar, e a garantir, á custa de todo o preço, o logar no mercado mundial que o seu esforço conquistou, todas essas se sentem abrazadas pela mesma chamma ardente do Dominio, e prestam, sinceramente, o mesmo culto á Força. Imperialista a Allemanha, abrindo por toda a parte caminho para os seus productos e riqueza para os seus cidadãos. Imperialista a Inglaterra, procurando manter a supremacia moral, para assegurar a supremacia economica. Imperialista a Italia, não hesitando em entrar n'uma guerra de conquista. Imperialista a Hespanha, sonhando a Iberia, e sacrificando-se pela posse de Marrocos. Imperialista a Bel-

gica, com os seus dominios do Congo. Imperialista a Austria, anexando a Bosnia-Herzegovina, e sonhando absorver o dominio dos Balkans. Imperialista a Russia, concorrendo com a Austria, e levando a sua expansão até ao extremo-oriente. Imperialista a propria França, com as suas ambições africanas. E até nós portuguezes, possuidores politicos de um vasto dominio colonial, até nós temos razões para que dentro de alguns de nós, se erga, legitimo e audaz, o principio do dominio imperialista. Se sahirmos da Europa, e olharmos os povos mais adeantados das duas grandes partes do mundo em que nações autonomas vivem, lá vamos encontrar o mesmo sonho de grandeza imperial, embalando, na Asia, o o Japão, e na America, os Estados-Unidos. A direcção effectiva do mundo, no campo politico e no campo economico, pertence aos povos mais fortes. A Europa seria submissa escrava da força anglo-germana, se circunstancias occasionaes não mantivessem esses dois ramos da raça germanica em conflictos de concorrencia. A Asia, com o vasto imperio da Republica Chineza, seria obediente serva da energia japoneza. E a America já a estas horas está limitada a obedecer á vontade dos Estados-Unidos. Povos fortes sahidos de raças fortes — o seu papel é mandar. Povos fracos ou desprevenidos, — a sua missão é obedecer. Fomentar este Imperialismo é servir a Civilisação, certo como é que a civilisação não é mais do que a resultante de luctas, sacrificios e aggressões. A civilisação é feita sobre victimas. As victimas vão-se buscar a quem não tem força para reagir, nem habilidade para vencer. Sentimentalismo piegas, contemporisações doentias — dão com os povos no fundo, quero acreditar que muito de bem com o Direito, mas, por certo, muito de mal com a Vida. Ora os povos existem para viver. E para viver, tudo é licito, nos povos. Em politica, o resultado é tudo. Porque a politica não é a vida individual: é a vida collectiva. E esta não se determina pelos principios moraes que determinam a vida individual. A guerra presente, só não a previa quem andava de olhos fechados. De resto quem cotejasse o *index-number* da vida economica europeia, tinha a certeza mathematica que, mais hoje, mais amanhã, as nações se chocariam, duas porque a guerra é contra ellas, as outras porque as duas as arrastariam.

Lord Henry

Uma Epopeia de Dôr

O Martyrio da Polonia

Hoje, chega-nos, sobre o martyrio da Polonia, o brilhantissimo artigo que a seguir publicamos, assignado por G. Jean Aubry, o nosso querido collaborador e distinctissimo escriptor francez. E' uma pagina commovente e ninguem se associa com mais ardor do que nós á obra do Comité Geral das Victimas Polacas que preside Henrique Sienkiewics, o mestre e amigo venerado.

N'um dos proximos numeros começaremos a publicar o Appello á Europa *que o grande romancista acaba de nos enviar e cuja publicação nos pede. E' um documento tristissimo onde a situação tragica em que a guerra europeia collocou a sua nobre Patria é pintada com o vigor e o colorido admiraveis do grande romancista do* Quo Vadis.

Por muito que tenham soffrido as outras victimas d'esta guerra, por muito grande que tenha sido o soffrimento das provincias belgas e dos departamentos francezes, a Polonia é de facto a grande victima d'este tremendo conflicto.

Ha oito mezes que a Polonia é o theatro d'uma formidavel e constante batalha. Quer os russos operem uma retirada estrategica, quer os austriacos fujam em debandada, quer os allemães de Hindemburg se lancem n'uma louca offensiva é sempre na Polonia que a acção se desenrola e os tres fragmentos do antigo reino são successivamente devastados, as suas populações soffrem, com todas as violencias inevitaveis ou premeditadas, o fluxo e o refluxo do conflicto dos tres Imperios.

Ha seculos que a Dôr é o unico alimento da Polonia. Será este o ultimo degrau do seu Calvario, vae chegar, emfim, a hora da ressurreição? Até que se restabeleça a paz ser-lhe-ha preciso verter ainda muitas lagrimas e muito sangue e as Egrejas que fazem o seu orgulho, as florestas que faziam a sua gloria, as casas que ornavam as suas cidades, transformadas em ruinas informes, recordarão o horror das carnificinas e dos tumulos improvisados.

A Belgica tem a seu lado a França e a Inglaterra; a Servia poude, pelo seu heroico ardor, proteger quasi inteiramente o seu territorio e ambos estes pequenos reinos poderam appellar para os recursos inexgottaveis do orgulho nacional. Mas a Polonia não é ainda uma

nação, senão no coração extremoso dos seus filhos e nos nossos corações francezes sempre cheios de ternura por aquella terra slava e pela sua immortal e infeliz generosidade.

A Polonia é a maior victima d'esta guerra. A frente dos exercitos combatentes estende-se sobre cerca de mil kilometros, desde Memel, que os russos actualmente occupam, até ao collo dos Carpathos, atravessando assim os tres fragmentos do reino historico, territorio de mais de vinte milhões de almas. Ha oito mezes que tres milhões e meio de austriacos e allemães ali se batem com egual numero de russos. Não é facil conceber, sem ter visto os documentos e ouvido as commoventes narrativas vívidas, a que estado de devastação, de ruina e de morte, este combate incessante levou a desgraçada nação polaca.

Ella tem todos os infortunios, dos quaes o mais atroz é, talvez, ver os seus filhos combatendo em tres exercitos differentes, matando-se uns aos outros por uma causa que só o futuro dirá se era realmente a da liberdade. Só a Polonia forneceu aos belligerantes um milhão e meio de soldados, dos quaes até hoje quinhentos mil foram mortos, feridos ou feitos prisioneiros.

Actualmente na Polonia russa os districtos de Lublin, Petrokov, Kielce, Radom, Kalish, Plozk e Suwalki estão completamente em ruinas. A invasão destruiu cem cidades e dez mil villas; o incendio e o crime teem encontrado pasto em toda a parte. Para impedir n'um ou n'outro sentido a marcha do inimigo, Russos e Austriacos teem arrazado cidades, requisitado ou destruido as riquezas do solo, inutilisado todos os recursos. Todo o trabalho é impossivel em virtude do movimento constante das tropas; a fome e a miseria reinam como senhores absolutos.

Vive-se, — se a isto se pode chamar viver — na incerteza de qual será o combatente a quem a fortuna das armas trará a posse da villa ou do districto; conheço uma aldeia onde residem dois polacos meus amigos, que no espaço de quarenta e oito horas foi a séde de quatro estados maiores differentes, dois russos, um allemão e um austriaco!

Não, nem as planicies flamengas onde durante seculos combateram as nações do occidente, nem as proprias provincias francezas do Leste e do Norte, theatro constante de luctas gigantescas, nem mesmo as terras da Lombardia propicias ás batalhas, de Marengo a Magenta, nem os arredores d'Eylau, de Leipzig ou da Moskowa conheceram tantos horrores, tanta ruina, viram tanto sangue e este amontoar incessante de cadaveres que não ha tempo para sepultar e que veem juntar o cortejo das epidemias ao espectaculo da dôr e do medo.

Em muitos pontos do territorio polaco o solo apenas possuia uma delgada camada de terra cultivavel: os trabalhos de defeza,

as trincheiras, os baluartes, os obuzes e as minas revolucionaram esta terra, dispersaram o *humus* fecundo. Quantos annos serão precisos para restituir ao solo polaco as suas antigas qualidades?

Sete milhões de seres estão ali, abandonados, augmentando todos os dias com milhares de mortos o numero das victimas da guerra.

As proprias cidades foram attingidas pela catastrophe; muitas d'ellas eram ignoradas de nós todos até ao dia em que os *communicados* nos revelaram os seus nomes; mas outras ha, como Kalish que possuia cincoenta mil habitantes, Sosnovice, oitenta mil, Lodz, quatrocentos e cincoenta mil, que estão quasi completamente destruidas. Varsovia perpetuamente ameaçada de invasão ha sete mezes é uma cidade de mais d'um milhão de habitantes, o duplo de Bruxellas e de Roma. Os viveres escasseiam e o abastecimento é impossivel em virtude do açambarcamento das vias de communicação pelos exercitos, tanto mais que por conveniencias estrategicas mil e quinhentos kilometros de linha ferrea foram destruidos na Polonia russa. O carvão acabou-se: a bacia de Dombrowa foi invadida logo nos primeiros dias da guerra e as minas innundadas, as fabricas destruidas. Nos hospitaes repletos de soldados feridos não ha logar para as pobres populações atacadas pelo typho, para milhares de creanças victimas de desynteria e que morrem por falta de tratamento ao canto das ruas, á beira das estradas, sob a neve implacavel e o vento mortal.

A Polonia austriaca (Gallicia) não é, na quasi totalidade do seu territorio, senão um immenso cemiterio. De Lemberg a Bochnia, sobre uma extensão povoada por mais de dois milhões de habitantes, o espectaculo é quasi tão horrivel como na Polonia russa.

A distancia, na ignorancia das coisas polacas, não se pode imaginar a importancia da existencia d'estas cidades e d'estes territorios; mas quando se tem sob os olhos a cifra dos valores economicos, das vidas humanas sacrificadas sobre aquella terra transformada em campo fechado para as grandes batalhas da historia, mede-se toda a extensão do seu martyrio e comprehende-se que nenhuma nação do mundo soffra actualmente tanto como a infortunada Polonia.

Ella teve apenas, n'esta guerra sangrenta, o papel de victima porque nem sequer interveiu nos factos que provocaram a guerra, nem sequer poude saber com segurança de que lado estava o interesse nacional. Entre a Russia que lhe promette a autonomia e a Austria que ha meio seculo lhe garante a livre disposição das suas prerogativas essenciaes, os polacos só podiam entender-se no odio commum da Allemanha que ha um seculo os martyrisava barbaramente, com muito mais violencia do que a empregada contra as populações da propria Alsacia-Lorena.

E quando a gente pensa que se trata d'uma nação que conheceu

dias gloriosos, possuidora d'uma arte e d'uma litteratura admiraveis, d'um passado que é a honra de todo o occidente, quando a gente pensa que se trata d'uma nação ignobilmente esphacelada e cuja reunião formaria um povo de vinte e quatro milhões de habitantes (a sexta nação da Europa), não se pode deixar de sentir todo o horror do seu martyrio. E' preciso que d'um extremo ao outro da Europa as nações neutras, as pequenas nacionalidades vejam a injustiça d'esta situação sem exemplo, que attesta a sobrevivencia exasperada d'uma politica de conquista e de oppressão á qual esta guerra deve por fim, sob pena de não ter sido senão uma carnificina inutil, uma barbaridade sangrenta e ingloria.

Mais uma vez a Polonia paga a divida de toda a Europa. Chegou emfim a hora da Europa procurar por seu turno compensar o infortunio sublime d'uma das suas mais nobres nações.

A partir d'esta data todas as pessoas que reconheçam a justiça d'esta causa podem associar-se á obra do Comité Geral a favor das victimas da guerra na Polonia, comité que é presidido pelo glorioso auctor do ***Quo Vadis*** e de ***Barthek o vencedor***, Henrique Sienkiewicz, e pelo celebre pianista Paderewski; toda a gente pode e deve inclinar-se sobre o mappa da Polonia para contemplar toda a extensão do desastre e preparar a hora em que, ressuscitada d'entre os seus tumulos, o rosto ainda cheio de lagrimas illuminado pela esperança, a Polonia dê ao mundo o espectaculo das suas virtudes immortaes que não reclamam, para fecundar a Europa nova, senão duas coisas santas:—a independencia e a paz.

Banditismo Politico

PROLOGO

Fiz tenção d'escrever este livro logo que cheguei a Paris. E ainda ahi o comecei. Mas depois metteram-se os acontecimentos de que faço menção no ultimo capitulo e interrompi-o. Só nos principios de novembro me resolvi a pôr, definitivamente, mãos á obra. E de novo o comecei. Do que estava escripto não cheguei a aproveitar meio cento de quartos de papel.

Sahiu-me muito extenso. Contem enorme materia. Daria bem tres volumes de extensão, formato e typo habitual. Foi isso devido aos desejos que eu tinha de que o publico ficasse, logo ao primeiro volume, bem elucidado sobre a questão portugueza. Não sei o que brevemente se poderá dar em Portugal. Mas a situação é tão instavel, de tal forma insustentavel, que qualquer facto grave, certo, surgirá. Ora n'essa previsão convinha que os leitores ficassem com elementos bastantes para fazerem um juizo seguro sobre os antecedentes e consequentes do conflicto inevitavel. Como digo adeante, é uma especie de *prologo*. Os volumes que se seguirem virão, por assim dizer, explanar o que já fica enunciado.

O formato é detestavel. Eu tinha dado um modelo á typographia. Mas ella não me comprehendeu, eu estava longe, muito longe, e quando lhe quiz acudir já era tarde. Lê-se. A forma artistica, porem, sou eu o primeiro a reconhece-lo, deixa muito a desejar.

Em resumo, é um livro escripto á pressa, muito á pressa, como, de resto, tudo quanto tenho escripto na minha vida. D'isso se ha de resentir na forma, sob todos os pontos de vista, e na essencia. Comtudo, creio bem que, já como obra de pamphletario já como obra de doutrinario, alguma coisa haverá n'elle de aproveitavel.

I

Origens da anarchia portugueza. Erro de Portugal e dos paizes latinos imitando o regimen do parlamentarismo inglez. Fallencia do liberalismo. O constitucionalismo foi uma burla. A pilhagem, que attingiu, com a Regeneração, as proporções d'uma colossal rapina. A divida publica, sem haver nada que o justifique, é a maior divida do mundo. D. Carlos, continuando os crimes e os erros anteriores, tenta, emfim, um esforço supremo contra o banditismo. Não encontra em João Franco o estadista preciso. E' morto e fica dominando a politica portugueza, alem tumulo, a carabina do Buiça.

Para se comprehender toda a extraordinaria gravidade da situação portugueza, é necessario pôr em relevo o infame banditismo das quadrilhas que ha muitos annos exploram o paiz sob o nome de partidos, e desvendar as causas da pavorosa anarchia que nos anniquilla.

Donde veio esta anarchia? Veio, primeiramente, da desorganisação social que se perpetuou desde a fundação da monarchia. Depois, da falta d'educação e de cultura das grandes massas, e de todos em geral, para poderem comprehender o moderno systema representativo. Portugal, como outros paizes, quiz imitar o regimen inglez do parlamentarismo. Ora essa imitação fatalmente produziria resultados desastrosos desde que não possuiamos nem as liberdades locaes, nem o espirito de tradição, nem a solida organisação de familia e a estabilidade de trabalho que tornaram homogeneo e forte o povo inglez. O nosso erro foi julgar que a felicidade nacional depende não das condições organicas mas das formulas politicas. Foi concluir, um pouco imbecilmente, que pelo facto d'um animal ou uma planta ser bella e pujante nos tropicos, forçosamente será bella e pujante *em toda a parte*. Isto é, não ver que todo o organismo social e politico tem, como todo o organismo biologico, *o seu meio proprio*, o seu meio adequado, e que se não pode transplantar senão depois de lhe crearmos condições eguaes ou similhantes ás do meio primitivo.

O regimen politico inglez applicado a Portugal não seria, como na Inglaterra, um regimen d'ordem, mas de desordem; não seria a moralidade, o direito, o progresso, mas a corrupção, o arbitrio, a destruição do equilibrio entre as forças de reacção e as forças de revolução, sem o qual o progresso e a paz são impossiveis. Seria um regimen

d'oligarchias, mas d'oligarchias sem o menor respeito de si proprias, sem escrupulos, sem vergonha, com uma unica lei, uma unica moral: a lei e a moral das quadrilhas.

Povos sobre povos tinham invadido a Peninsula Iberica. Guerras sobre guerras haviam resultado do embate d'esses povos. A Lusitania sahia portanto, ao constituir-se em reino independente, da desordem perenne, da anarchia secular. Os cinco primeiros reinados do novo Portugal consumiram-se aïnda, em grande parte, na guerra contra o arabe. Vieram em seguida as aventuras, as guerras longinquas, as viagens d'exploração e descoberta. O oiro das conquistas, amollecendo, corrompendo, dissolvendo, criando a inaptidão para o trabalho, cimentando a ociosidade e o vicio, durou ainda largo tempo depois d'ellas terminadas. Mas onde ha guerras, guerras continuas, sobretudo guerras longinquas, onde a emigração, a aventura, a viagem d'exploração absorve os homens e suga as forças validas d'um povo, não ha, não pode haver, organisação e continuidade de trabalho, organisação e continuidade de familia. E assim, com a familia desorganisada por sete seculos de guerras anteriores, sem contar as luctas da Peninsula Iberica em geral e as da Lusitania em especial que precederam a constituição de Portugal em reino independente, com os vicios mercantis e burocraticos herdados d'uma odiosa exploração nas colonias da Asia e da America — a India e o Brazil — sem trabalho estavel, quer industrial, quer agricola, que, repetimos, esta vida de guerras, viagens d'exploração, aventuras, conquistas, tinha tornado impossivel, desnacionalisados pela mescla de sangue, e costumes de toda a raça, apagado o espirito de tradição pelo esquecimento dos velhos usos nacionaes, pelo abandono do lar, pela ausencia de vida de familia, pelo exodo dos campos até para aquelles que escapavam ás necessidades do serviço militar, e que corriam em demanda da vida cosmopolita, mais activa e mais rendosa, dos portos de mar, pela confusão das classes, todos, afinal, — nobres e plebeus, — velhos traficantes de pimenta e d'escravos, com mais de 95 % d'analphabetos, que era o doloroso estado da cultura portugueza no momento em que o constitucionalismo se proclamou, a *democracia parlamentar*, que só pode subsistir com a mais rigorosa e ao mesmo tempo a mais espontanea disciplina social, seria fatalmente, como foi, um absurdo, a opinião publica uma ficção e o regimen liberal-representativo, que sobre ella se apoiava, uma burla. As facções, os bandos politicos dilacerar-se-hiam n'uma guerra mesquinha de predominio d'interesses e ambições, sem que uma força de correcção os podesse conter nos limites do bom senso e da

vergonha. A desorganisação, vinda desde os tempos anteriores á constituição da monarchia, chegaria a transformar-se na mais horrenda anarchia. E os velhos desperdicios assumiriam as proporções d'uma colossal rapina.

O eminente escriptor Oliveira Martins suppõe que só a guerra entre D. Pedro e D. Miguel nos custou cem mil contos. E não tem cifras para medir o que elle chama o *regabofe,* isto é, a satisfacção dos bestiaes instinctos de pilhagem traduzidos na expropriação dos bens nacionaes e nos mil pretextos invocados para um assalto em regra ao thesouro.

A esse *delirium tremens* de deboches seguiu-se na historia portugueza um periodo de repoiso. De reforma e de repoiso. A *Regeneração,* lhe chamaram. Nova patria, novos horizontes. A *Regeneração,* como o seu proprio nome indica, vinha *regenerar, moralisar,* trazer a paz, a *ordem* e a *economia* a uma casa em desordem e arruinada. Pois bem. O snr. Anselmo de Andrade, que foi duas vezes ministro da fazenda e a ultima com o ministerio cahido em 5 d'outubro, a paginas 476 do seu livro *Portugal Economico,* publicado em 1902, calcula em 180 ou 190 mil contos os *erros d'administração,* quer dizer, os esbanjamentos e os roubos praticados desde 1851, epocha em que começou a *Regeneração,* até 1900.

No seu excellente trabalho *Le Portugal Inconnu,* observa o escriptor francez Léon Poinsard que, apesar da reducção forçada de 30 por 100 nos juros da divida publica em 1892, a nossa divida consolidada subiu de 575 billiões (3:165 milhões de francos) em 1890 a 722 billiões (perto de 4 *milliards*) em 1907, ao mesmo tempo que a divida flutuante se approximava de 400 milhões de francos. E commenta: «Comparando o movimento da divida portugueza com o d'outros paizes encontra-se uma differença enorme. No emtanto esses paizes executaram reformas e trabalhos consideraveis, alguns sustentaram mesmo longas e onerosas guerras, ao passo que Portugal sem nenhum conflicto grave no exterior se limitou a um mediocre esforço no interior» [1].

Tal é o preço exorbitante porque, só em dinheiro, e os prejuizos d'ordem moral são bem mais graves do que esse, teem ficado a Portugal as quadrilhas politicas, todas ellas, sem excluir a republicana. Nós

---

[1] *En comparant le mouvement de la dette portugaise avec celui des engagements des autres pays, on trouverait, en général, une grande différence. Cependant ces pays ont réalisé des travaux ou des réformes considérables, certains ont eu à supporter des guerres longues et onereuses. Le Portugal, au contraire, n'a traversé depuis 50 ans aucun conflit grave; son effort interieur est resté médiocre.*

demonstraremos nos capitulos seguintes que a quadrilha republicana tomou, com as outras, durante o regimen monarchico, parte condigna no assalto ao erario. Nós demonstraremos que não só collaborou como profundou e alastrou a terrivel desmoralisação levada a effeito nos ultimos trinta annos. Nós demonstraremos que foi ella o mais poderoso agente da anarchia e da immoralidade em que se vae subverter uma patria desgraçada. Sem falar no espectaculo d'inepcias, de roubos, de desperdicios, de vergonhas, que a republica, glorioso fecho do edificio constitucional, resultante definitiva do sonho *libaral*, vem ha anno e meio offerecendo ao mundo abysmado.

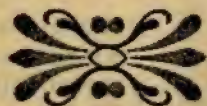
D. Carlos teve, a par de grandes virtudes, grandes defeitos. Praticou erros, não sei se deva dizer crimes, e por elles assumirá graves responsabilidades na historia. Quiz, porem, no fim da vida, ceifada quando suppunha ainda deante de si uma larga existencia, por uma acção energica contra o banditismo, por uma nova orientação no seu reinado, redimir os erros commetidos. Infelizmente, esbarrou no eterno barranco que se ergueu sempre na frente de todas as tentativas a favor da salvação d'esta terra desditosa: a accrescer á estrondosa fallencia da *soberania popular* a estrondosa fallencia dos homens d'estado. João Franco, ministro honesto e bem intencionado, não era um politico na accepção larga e nobre da palavra. Infantil, jurava sob a sua honra, em plena camara, que só governaria com o parlamento. E acabava, proclamando a dictadura, por despedir o parlamento!

Incoherente nos processos e nos propositos, liquidava os adeantamentos á Casa Real em dictadura quando era talvez a unica coisa que elle, dignamente, e habilmente, não podia subtrahir á discussão e á resolução do parlamento. Tacanho, mórdomo avaro d'um morgadio arruinado e não sabio e arrojado administrador d'uma nação que necessitava de medidas de largo alcance para viver, ao mesmo tempo indeciso, pusillanime, não aproveitou a dictadura nem para actos de folego na administração nem, ao menos, para rasgos d'ordem publica; indo de confiança em confiança, ou d'imprudencia em imprudencia, quiçá de fraqueza em fraqueza, de cobardia em cobardia, se é licito dizer tudo n'esta hora d'amargurada desventura em que esse homem, egoistamente, quasi vilmente, se isola em Biarritz sem dar á causa da contra-revolução, elle que foi o motivo immediato da revolução, um minimo esforço do seu braço, um tenue raio da sua intelligencia, um ceitil da sua bolsa recheada, indo de fraqueza em fraqueza, de cobardia em cobardia até deixar assassinar o rei em plena praça publica, sendo certo que teria

evitado esse desastre com rudimentares medidas de prevenção e de defeza.

A esse enorme erro, outro, maior ainda, se é possivel, se juntou: no dia immediato ao da morte do rei a abdicação formal deante das quadrilhas assassinas. Porque D. Carlos, saiba-o a Europa, o mundo todo, não foi victima d'um crime politico como erradamente se apregoa. As quadrilhas não lhe sahiram ao caminho pela *sua tyrannia*, falsa tyrannia como havemos de provar; mas por elle se ter resolvido, emfim, a defender a todo o transe as chaves do thesouro. Perdoaram-lhe todos os crimes. Não lhe perdoaram essa virtude. Morto elle, a corôa, no dia seguinte, rendeu-se aos assassinos. O poder cahiu na lama. O principio e a força da auctoridade, já tão abalados, extinguiam-se de todo. E desde essa hora solemne quem reinou em Portugal não foi D. Manuel, filho e successor do rei assassinado. Foi a carabina do Buiça. Podia mais este assassino, do fundo da sua sepultura, que a lei, o direito, o sceptro, a policia, o exercito, todas as forças moraes e materiaes d'uma monarchia que ha quasi oito seculos vivia!

Sic transit gloria mundi!

Homem Christo

Factos e Criticas

Organisação Monarchica

Como estava annunciado realisou-se no sabbado ultimo a inauguração do Centro Monarchico de Lisboa. Foi uma significativa manifestação tanto pelo numero como pela qualidade das pessoas que n'ella tomaram parte.

Depois d'um pequeno discurso do snr. Conselheiro Ayres de Ornellas, enthusiasticamente acclamado, procedeu-se á eleição da Direcção Politica e dos corpos administrativos que ficaram assim constituidos:

Direcção Politica – *Presidente:* Conselheiro Ayres de Ornellas. *Vogaes:* Conselheiro Antonio Cabral Paes do Amaral, conde de Castro e Solla, Conselheiro José de Azevedo Castello Branco, Conselheiro D. Luiz Filippe de Castro, Dr. Antonio Horta Osorio, Dr. João Albino de Souza Rodrigues, Dr. João Henrique Ulbrich.

Assembleia geral – *Presidentes honorarios:* Duque de Palmella, Conde de Sabugosa. *Presidente effectivo*: Conde de Bertiandos. *Vice Presidentes*: D. Thomaz d'Almeida de Vilhena, D. Thomaz de Mello Breyner (Mafra), Antonio Luiz Remedios da Fonseca. *Primeiro secretario*: Conde de Arrochella. *Segundo secretario*: Conde de Seisal. *Vice-secretarios*: Domingos Pinto Barreiros, Dr. Antonio Penha e Costa.

Conselho da Administração — *Presidente:* Conde de Verride. *Vice Presidentes:* Dr. Mario Pinheiro Chagas, Visconde de Coruche. *Thesoureiro:* Conde de Monte Real. *Primeiro secretario:* Marquez de Bellas. *Segundo secretario:* Fernando Correia. *Vogaes:* D. Luiz de Lencastre (Alcaçovas), Joaquim Nobre Sobrinho, Jorge de Mendonça. *Supplentes:* Conde de Mangualde (Fernando), Dr. Albertino da Veiga Preto Pacheco, Antonio de Menezes e Vasconcellos, Francisco da Costa Gonçalves, Carlos Quintella (Farrobo).

Conselho Fiscal — *Presidente:* Visconde do Marco. *Vice Presidente:* Marquez de Ficalho, Joaquim Xavier Oriol Pena. *Primeiro secretario:* Eduardo Perestrello de Vasconcellos. *Segundo secretario*: Arthur Sobral Figueira. *Vogaes:* Dr. Antonio Bourbon, Simão Trigueiros de Martel. *Supplentes:* Alvaro Ferreira Roquette, Dr. Francisco Paes de Sande e Castro, Antonio Bastos, Antonio Lapa, André Supardo.

A' frente da Direcção Politica, portanto á frente dos monarchicos portuguezes, ficou o snr. Conselheiro Ayres de Ornellas de quem nós dissémos a proposito do seu regresso a Portugal, no primeiro n.º d'esta publicação:

> Regressou ha dias a Portugal, acompanhado de Sua Ex.ma Esposa, a Senhora Dona Maria de Jesus de Sousa Holstein de Ornellas, o grande estadista, grande militar, escriptor e orador de raro merito, snr. Conselheiro Ayres de Ornellas.
>
> O seu regresso á Patria, ao cabo de quatro annos de exilio, não é facto que possa deixar indifferentes os bons portuguezes. Era indispensavel que um homem como o snr. Conselheiro Ayres de Ornellas, dotado das mais altas virtudes intellectuaes, espirito cultissimo e caracter d'antes quebrar que torcer, viesse tomar o logar que de direito lhe pertence na vida portugueza e agrupar em volta do seu nome sem mancha, que todos admiram, que todos amam, os bons elementos da boa causa que lamentaveis equivocos conservam ainda dispersos e afastados da lucta.
>
> Ligam-nos ao snr. Conselheiro Ayres de Ornellas os laços da mais estreita amizade contrahida e mantida ininterruptamente durante annos nas terras do exilio. A sua opinião esclarecida, o seu conselho amigo seguimo-lo sempre sem hesitar, certos de que era o melhor. Foi o eminente estadista a primeira pessoa a quem expuzemos o plano d'*A Ideia Nacional*, foi elle o nosso principal auxiliar e a sua voz será sempre a primeira consultada n'esta casa quando alguma difficuldade surgir.

Já n'essa altura nós viamos n'aquelle nosso illustre amigo o homem naturalmente indicado para presidir á direcção politica do partido monarchico. Realisaram-se plenamente os nossos desejos e d'ora avante não seguiremos sómente os conselhos do amigo, acataremos tambem e antes de tudo, as ordens do grande chefe.

—Em Coimbra tambem no ultimo domingo ficou constituida a Commissão Organisadora da junta districtal que o nosso illustre collaborador snr. Conselheiro José de Azevedo Castello Branco ali foi organizar.

No meio de grande enthusiasmo foram acclamados os nomes dos snrs:

D. João de Alarcão Velasques Sarmento Osorio, Conselheiro José Luiz Ferreira Freire, Conselheiro José Freire Lobo do Amaral, Conselheiro Manuel da Costa Allemão, Conde do Ameal, Dr.

Manuel de Oliveira Chaves e Castro, Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo, Dr. José dos Santos Pereira Jardim, Dr. Carlos Saccadura Pinto Mascarenhas e conego Carlos Esteves de Azevedo.

—Em Marco de Canavezes realisou-se egualmente uma reunião preparatoria para a fundação d'um Centro Monarchico. Compareceram os snrs. Conde de Aviz e de Alpendurada, Luiz d'Almeida Soares de Lencastre, Antonio Barbedo de Vasconcellos, João Carlos d'Azevedo Lobo, drs. José Peixoto Pereira de Saldanha, José Peixoto Corte-Real, Jayme Alves Machado, Luiz Antonio Correia de Noronha e Adriano Soares Nunes de Moura, Manuel Vieira de Magalhães, Antonio Pinto Peixoto e Vasconcellos, Guilherme Augusto Vieira de Castro e Souza, Rodrigo Pinto de Vasconcellos, Joaquim Pereira Coutinho, Antonio Maria de Noronha e Vasconcellos, Abbades de Sande, Villa Boa, Favões, Aviz, Freixo, etc., etc.

Foi communicada á assembleia a plena adhesão dos snrs. Alexandre Carneiro Geraldes, Francisco e Anthero de Serpa Pinto, Francisco d'Assis Teixeira de Miranda e dr. Abilio Augusto Ferreira de Magalhães.

Ignobil especulação

A *Republica* está especulando ignobilmente com o nome do director d'*O Povo de Aveiro.*

Se aquelle jornal persistir em transcrever, adulterando-lhes a intenção e o sentido, artigos do snr. Homem Christo, ver-nos-hemos forçados a transcrever tambem por nossa vez o que o snr. Homem Christo tem escripto sobre o snr. Antonio José d'Almeida.

Ha-de ser bonito!

Visconde do Banho

Assumiu a direcção politica do *Commercio de Vizeu*, que passa a ser o orgão dos monarchicos de aquelle districto, o nosso illustre correligionario e amigo sr. Visconde do Banho.

Só a absoluta falta de espaço com que luctamos nos impede de transcrever o brilhantissimo artigo—programma publicado por aquelle nosso distintissimo amigo no ultimo n.º do *Commercio de Vizeu.*

Os nossos affectuosos cumprimentos.

Cartas de Longe

Tem sido muito apreciados os interessantes trabalhos que com este titulo o snr. Homem Christo tem publicado n'*A Ideia Nacional.* O auctor não revê esses artigos. E' natural, pois, como já tem succedido, que saiam erros e incorrecções de que o auctor não tem culpa nenhuma.

Esperamos que o snr. Homem Christo e os leitores nos desculpem.

Luiz d'Almeida Braga

Este nosso prezado amigo e distincto escriptor iniciou ha dias n'*A Liberdade* uma serie de magnificos artigos sobre o *Integralismo Lusitano* para os quaes chamamos a attenção dos nossos leitores.

A Luiz Braga os nossos cumprimentos.

Proezas da *formiga*

Parece que a *formiga* tentou ha dias assaltar a residencia do nosso director. Os jornaes narraram pormenorisadamente o caso.

Não vale a pena perder mais tempo com esse assumpto liquidado não só porque os scellerados fugiram a sete pés logo que ouviram o estampido do primeiro tiro, como ainda porque, desde que as auctoridades tomaram cuidadosamente todas as providencias, o caso não é provavel que se repita.

Limitar-nos-hemos a lembrar a quem quer que tomou a iniciativa do assalto que se não metta n'outra porque lhe pode sahir cara a festa. Já nos deviam conhecer...

Composto e impresso na Typographia de ANTONIO CONCEIÇÃO ROCHA — Rua de Arnellas — AVEIRO.

Banditismo politico

POR

HOMEM CHRISTO

Summario do Capitulo II

a sahir no numero 12

d'A IDEIA NACIONAL

no proximo sabbado 24 do corrente

Rapido resumo historico dos inicios do republicanismo em Portugal, que não resultou d'uma força social ou philosophica, mas da simples influencia e imitação franceza e das conveniencias e intrigas dos bandos monarchicos. — José Falcão prevê que o partido jacobino da esquerda só ha de governar com dictaduras e golpes d'Estado. — As côres da bandeira republicana são as côres da federação iberica. — Os republicanos portuguezes confessam que recebem dinheiro dos republicanos hespanhoes para a sua propaganda. — Logo na origem se dividem em tres grupelhos. — Bulhas PORCAS que os sujam e dilaceram. — Violentos ataques contra José Elias, o creador do bando republicano em Portugal. — Acção politica e caracter d'este corypheu. — Theophilo Braga divide os republicanos em republicanos-regeneradores e republicanos-progressistas e confessa que JA' NÃO HA NADA A ESPERAR D'ELLES.